



**RELÓGIO DE ARTISTA:
DIFERENTES PROPOSTAS ARTÍSTICAS PARA LIDAR COM O TEMPO**

**ARTIST'S TIMEPIECE:
DIFFERENT ARTISTIC APPROACHES TO ENGAGING WITH TIME**

Prof. Dr. Miguel Alonso¹
Grupo Realidades ECA/USP
Grupo GIIP IA/UNESP
Espaço de Tecnologias e Artes Sesc SP
Associado/a/e ANPAP: **Não**

RESUMO

Este artigo apresenta e lida com o conceito de Relógio de Artista (Alonso, 2025) investigando objetos do tempo e tempos sociais pelo viés da arte-tecnologia e da arte-ciência. O conceito permite observar como criações no campo das Artes Visuais trabalham com diferentes narrativas, representações e percepções do tempo, que possuem características dinâmicas distintas entre os aspectos abordados dentro de outras áreas de conhecimento. Para descrever isso, comparamos duas obras de Guto Lacaz, *Relógio para perder a hora* e *Relógio Lúdico*. Neste processo, tentamos entender se todo relógio feito por artistas seria um relógio de artista? Por fim, observamos como relógios de artista abordam diferentes níveis de aprofundamento de características para o tempo e a temporalidade, gerando caminhos para novas epistemes, gerando outras camadas de conhecimentos e realidades.

Palavras-Chave: Relógio de artista; Arte-tecnologia; Tempo social; Cronológico; Kairológico.

ABSTRACT

*This article introduces and explores the concept of the artist's timepiece (Alonso, 2025), investigating objects of time (K. Birth, 2012, 2016) and social temporalities through the lens of art-technology and art-science. The concept allows for an analysis of how creations within the field of Visual Arts engage with diverse narratives, representations, and perceptions of time, acknowledging that temporalities in the visual arts possess dynamic characteristics that differ significantly from those addressed in other fields of knowledge. To illustrate this perspective, we compare two works by Guto Lacaz — *Relógio para perder a hora* (Clock to Lose Time) and *Relógio Lúdico* (Playful Clock). Through this comparative approach, we raise the question: is every clock made by an artist an artist's timepiece? Finally, we observe how artist's timepieces engage with varying levels of depth regarding time and temporality, offering pathways to new epistemes and generating alternative layers of knowledge and reality.*

KEYWORDS: Artist's timepiece; Art-technology; Social time; Chronological; Kairological.



Introdução

Relógio de Artista é um conceito que cada vez nos aproxima de uma categoria para trabalhos artísticos que questionam o que é o tempo e as formas de representação e/ou apresentação dos efeitos do tempo, já que estes não são próprios de apenas uma área de conhecimento, nem mesmo de apenas uma sociedade. A compreensão da pluralidade do que é o tempo e de como os objetos técnicos e artísticos interpretam ou constroem os conceitos de tempo permitem que as artes desenvolvam experiências que aproximam diferentes dicotomias, por exemplo, na separação entre aquilo que é objetivo (cronológico) daquilo que é subjetivo (kairológico). Essa relação é questionada desde as explicações míticas da Grécia antiga como indicado na relação dos deuses e titãs, mas também presente em diferentes culturas pelo mundo. Perceber e descrever essas relações é um trabalho infinito, mas a colaboração em se aprofundar nesse campo vem justamente na quebra de domínios estabelecidos proporcionada pela arte, construindo de forma poética novos parâmetros para o tempo.

Como concepção para Relógio de Artista os definimos como um sistema de organização temporal, cujo critério discute formas de percepção do tempo, por meio da interação ou participação do público, representando-se com algum tipo de marcador temporal; Um Relógio de Artista funciona como artefato ou dispositivo artístico, seja em forma mecânica e cinética, seja como imagem que sugere movimento; Uma característica importante é a possibilidade de ser iniciável, característica do relógio convencional, admitindo consertos e ajustes. Isso permite que, se parar de funcionar, possa ser restabelecido; de forma geral, Relógio de Artista é um objeto artístico que não precisa manter a função tradicional de um relógio, e está associado a um contexto percebido como uma narrativa de tempo — estruturando uma “paisagem temporal”.

O presente artigo apresenta discussões do doutorado ‘Relógio de Artista: dinâmicas em um inventário de oscilações temporais’, defendido em 2025 no programa de pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA-USP. A pesquisa se concentra na área de Poéticas Visuais,



permeando tanto Processos de Criação em Artes Visuais quanto Multimeios, sendo resultado das convergências dos campos da arte, da ciência e da tecnologia.

Objetos do tempo e tempos sociais

Os diversos tipos de relógios ao longo da história são dispositivos atrelados a narrativas com panoramas sociais. A diversidade de dispositivos de tempo é marcada principalmente por questões científicas, econômicas e sociais, que, na maioria dos casos, se associam ao discurso do desenvolvimento e da tecnologia, sugerindo uma aparente evolução rumo ao futuro e à ideia de “progresso” (Pimenta, 2021). O progresso e a produtividade estão atrelados à imagem dos relógios e às narrativas dominantes do tempo, o tempo do relógio e o tempo das redes (Pschetz, 2014, 2018) e das acelerações na vida de cada indivíduo e da própria sociedade global.

A escrita sobre a evolução das narrativas de um tempo dominante, representado pelo relógio mecânico, já foi amplamente abordada em livros e artigos de divulgação científica ou sobre a própria história do tempo (Whitrow, 2005; Pimenta, 2021), que servem de referência para os admiradores desses dispositivos — como, por exemplo, *A Origem e o fim do tempo: Interpretações da física e da filosofia*, de Ulisses Capozzoli (2019); *Tempo: O sonho de matar Chronos*, de Guido Tonelli (2023); *O tempo que passa (?)*, de Étienne Klein (2019); e o clássico *Uma breve história do tempo*, de Stephen Hawking (2015).

O papel do relógio na integração de uma estrutura capitalista global, entre o Ocidente e o Oriente, nascida das interações das grandes navegações, é abordado na segunda parte da obra de Carlo M. Cipolla, *Las Máquinas del tiempo* (1998). É complexo pensar o tempo, nesse percurso histórico do relógio, fora de uma herança eurocêntrica, colonialista e imperialista, que culmina no “tempo do relógio e dos calendários” (Birth, 2017), o qual domina tanto o imaginário quanto as hegemonias econômicas e até mesmo as ciências e tecnologias. Dentro dos estudos etnográficos, seja pela antropologia aplicada nos trabalhos de Birth, ou nas ciências sociais de Barbara Adam (2016, 2012, 2008), a dicotomia entre a leitura de um tempo de homocronismo (Homochronism) e o tempo das narrativas.



Uma das fontes mais relevantes para o nosso trabalho, ao avaliar diferentes relações do tempo por meio dos relógios, é Livro do tempo: uma história social do tempo, de João Paulo Garrido Pimenta (2021). Parece-nos que a história e a observação dos tempos sociais oferecem uma entrada mais adequada para as análises das dinâmicas de tempo nas artes. Da mesma forma, o olhar das artes para o tempo pode enriquecer outras áreas, como a ciência e a filosofia.

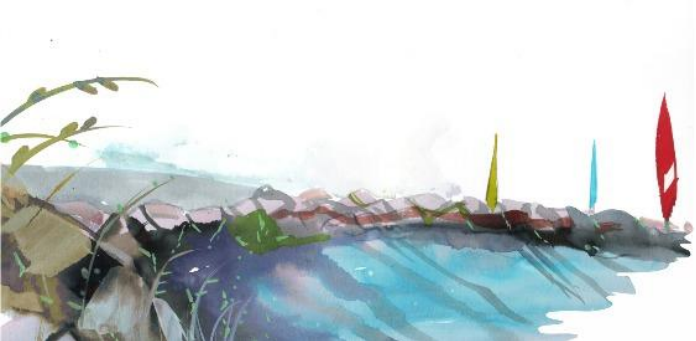
Em nossa pesquisa teórica e artística dos últimos anos desenvolvemos uma seleção de outros tipos de relógios, além dos tradicionais, vendo-os como outros objetos do tempo, que agora funcionam com enfoque poético: os Relógios de Artista, que são dispositivos criados para discutir temporalidades, de maneira direta ou indireta, que geram novas formas de tempo e narrativas que rompem com o homocronismo.

Destacamos assim, o relógio como uma possibilidade de experimentação de linguagens visuais, transportando o significado de um tempo hegemônico — o homocronismo — para tempos diversos das narrativas, em planos diferentes, entre o que é cotidiano e o que é inabitual. Em outra dicotomia, o tempo pode ser visto como tecnológico (Cronológico¹) e como percepção (Kairológico²), e a ideia de Relógio de Artista enfatiza essas questões.

As questões de interação e participação entre público e obra se enraizaram no universo das artes com os avanços sociais e técnicos após os anos 1950. Essas questões estruturam a concepção de um Relógio de Artista, podendo enfatizar que tal abordagem público/obra poderia ser estruturada a partir de outros pontos de vista, como nos *happenings*, performances, instalações, colagens e livros de artista, entre outras práticas. O tempo está presente nas ações e propostas das artes visuais desde as vanguardas artísticas, seja como tema, seja como qualidade dos meios. Na verdade, a temporalidade está na arte desde tempos imemoriais, em diversas culturas, além das sociedades ocidentais. Não se pretende uma história única e totalizadora do tempo na arte, nem mesmo do relógio. Consideramos, então, que os

¹ O tempo cronológico está diretamente posto como o tempo objetivo, histórico, de controle e sincronidade, ligando-se à figura mítica do deus grego Cronos.

² O tempo kairológico é uma reinterpretação em oposição ao cronológico. Ele está diretamente posto como o tempo subjetivo, da percepção e do “bom momento”, associando-se à figura mítica do deus grego Kairós.



significados do tempo em uma única obra podem ser infinitos, seja conforme os papéis preestabelecidos pelos artistas, seja de outra forma. Decerto, a arte trabalha cada vez mais com o social, o cotidiano e o imaginário. Destacamos o panorama que Suzete Venturelli (2004) descreve sobre o universo das artes e as relações com as novas tecnologias, que se aproximam da ciência da computação, da comunicação e de outras áreas do conhecimento, condensadas pela autora em uma estética das imagens informáticas. É importante lembrar que o tempo está em tudo, mas a relação de interatividade implica a oscilação entre o tempo cronológico e o kairológico.

É crucial delimitar como construímos nossa análise dos tempos artísticos em obras de arte, considerando que falamos de trabalhos que conversam com outras áreas do conhecimento, mas que permanecem imbricados nas ideias de marcadores de tempo. Em outras palavras, damos foco aos critérios para pensar em propostas artísticas que abordam o relógio como prática ou material artístico, isso seria diferente com um critério apenas da Física, ou da Cronobiologia, por exemplo.

Relógio de Artista

Tendo em vista esse percurso de maneira resumida definimos o conceito de Relógio de Artista pelos seguintes elementos:

a) Relógio de Artista é um sistema de organização temporal, cujo critério questiona formas de percepção do tempo, por meio da interação ou participação do público, representando-se com algum tipo de marcador temporal;

b) Relógio de Artista funciona como artefato ou dispositivo artístico, seja em forma mecânica e cinética, seja como imagem que sugere movimento;

c) Relógio de Artista é reiniciável, característica do relógio convencional, admitindo consertos e ajustes. Isso permite que, se parar de funcionar, possa ser restabelecido;

d) Relógio de Artista é um objeto artístico que não precisa manter a função tradicional de um relógio, e está associado a um contexto percebido como uma narrativa de tempo — estruturando uma “paisagem temporal”.



O conceito de Relógio de Artista serve de ferramenta para aprofundarmos as diversidades de tempos construídos dentro de dispositivos similares a relógios. Esses relógios não estão presos necessariamente a uma função específica de marcadores de horas, minutos ou segundos. Ao cunharmos tal termo, queremos tornar nítida a diferença entre propostas, evidenciando sistemas artísticos que querem criar outros tempos, ou lidar de uma forma diferente dos tempos cronológicos, ou seja, uma quebra com o homocronismo.

A noção de Relógio de Artista diferencia-o dos dispositivos de relógio pensados como peças puramente de design, ou daqueles feitos para exibir virtuosismo técnico e artesanal. Não que as propostas de design não tragam contribuições para outros tempos; pelo contrário, dentro delas encontramos bases fundamentais para o nosso trabalho. Reconhecemos o caráter artístico em trabalhos de design, artesanato ou técnicos que incluem objetos-relógios. Todos esses podem ser considerados obras de arte e/ou artefatos históricos. São esses objetos que fundamentam nosso recorte, sendo a plataforma para conceitos que serão adaptados por outras máquinas e dispositivos.

Os relógios já estão, de certa maneira, enraizados em nossas interfaces físicas e gráficas nos diversos computadores, celulares, televisores, entre outros aparatos técnicos. Nesse contexto, notamos como os ponteiros ou visores de relógios se baseiam em um lastro cultural de confiança. O Relógio de Artista aqui proposto, contudo, permite observarmos um léxico de diferentes narrativas do tempo e seus objetos, variando o foco entre classificações de tempo. Assim, o termo não surge meramente para criar uma palavra ou modalidade artística nova. Também não visa fortalecer o sistema hegemônico do tempo, presente em muitos aparatos tecnológicos. É crucial não excluirmos possibilidades, ainda mais considerando que esta pesquisa está inscrita em uma proposta interdisciplinar. Nossa maior pretensão é ampliar narrativas.

A ideia de propor o Relógio de Artista surge da necessidade de destacar abordagens para o tempo e as relações entre ideias artísticas, como Insight, e suas realizações enquanto representação branda (Laurentiz, 1991). O tempo no relógio envolve noções



de real e realidade, atreladas às fases dos meios de produção, especialmente nas eras industriais e eletrônicas. Observamos que as narrativas dos dispositivos de tempo estão ligadas a representações, apresentações e coapresentações .

A proposição do termo Relógio de Artista visa delinear o foco para as dinâmicas do tempo e que remetem a insights frutos de diferentes tempos. A necessidade desse termo surge para falar de dispositivos que lidam poeticamente com o tempo representado (realidade discursando sobre o real), apresentado (realidade como fração do real) e coapresentado (realidade como fração do real, estruturado nos dispositivos tecnológicos).

Relógio para perder a hora e Relógio Lúdico

Os diversos tipos Para exemplificar essa distinção, trazemos dois trabalhos do mesmo autor: Guto Lacaz. Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural, “A produção de Guto Lacaz, como é conhecido, transita entre o design gráfico, a criação com objetos do cotidiano e a exploração das possibilidades tecnológicas na arte, geralmente à base de humor e ironia”. Os trabalhos desse artista são de fato índices de um artista multimídia, que busca elementos e métodos entre tecnologia, cotidiano, arte e design. Isso evidencia o que entendemos como Relógio de Artista. Por um lado, mencionamos Relógio para perder a hora, de 2000; por outro, Relógio Lúdico, feito para a Escola Carlitos em 2004/2005.

Relógio para perder a hora (2000) é composto por um quadro branco com um conjunto de vinte e quatro ponteiros vermelhos de segundos, distribuídos quase simetricamente. Cada ponteiro gira no ritmo dos segundos, criando diferentes ângulos que causam uma perda do sentido de um relógio tradicional. A obra cria, porém, uma imagem de unidade de horas em um mesmo plano, possibilitando a criação de um labirinto móvel de ponteiros. Conforme informações encontradas nas documentações da exposição na galeria Marcelo Guarnieri, em São Paulo, na exposição GUTO LACAZ – art lab, já em 2018 , existem duas versões diferentes do Relógio para perder a hora. Uma foi feita com relógios de motor tic-tac e outra com motor contínuo. A existência das versões tic-tac e contínua é uma exploração dos tipos comuns no



mercado de mecanismos de relógios de quartzo, alimentados por baterias ou pilhas. Cada versão do relógio conserva o quadrado branco com os 24 ponteiros, ou seja, com 24 motores. As horas comuns talvez sejam representadas por esses 24 dispositivos que marcam segundos e ocupam o mesmo espaço; no entanto, na realidade, as horas não existem ali.

Como curiosidade, os ponteiros dos segundos em um relógio mecânico tradicional foram, historicamente, os últimos a surgir. Qual o valor dos segundos dentro de um dia, hoje ou duzentos anos atrás? Os mostradores dos segundos atuais normalmente são vermelhos e são os mais rápidos na hierarquia dos ponteiros do relógio (hora, minuto e segundo); eles possuem o movimento mais veloz e são facilmente observáveis. Os segundos estão em constante mudança. E, dentro de uma e demais horas, o trabalho de Guto Lacaz, quase que despretensiosamente, cria abertura para diversos tempos, explorando as máquinas dos relógios e a própria imagem icônica que se esperaria em um relógio quadrado. Esse, para nós, é um exemplo do que chamamos de Relógio de Artista.

Como segundo exemplo do mesmo artista, podemos explorar o trabalho Relógio Lúdico, feito para a Escola Carlitos, em São Paulo, SP, em 2004/2005. De início, é importante notar que este relógio ainda mantém a função de relógio, preservando o cânone das horas e minutos cronológicos. O nome do primeiro relógio, Para Perder as horas, nos sugere um desafio ao tempo, enquanto Relógio Lúdico nos remete a uma forma amena e divertida de construir o dispositivo, uma brincadeira ou um jogo.

A estrutura do Relógio Lúdico possui esse grau de jogo, de um “fora do comum”. À medida que o eixo das horas e o dos minutos são excêntricos, e não concêntricos como na imagem tradicional dos relógios, há uma ruptura na lógica de ver “que horas são”. O círculo maior, com eixo central, indica as frações dos minutos. Os ponteiros e os marcadores das horas e minutos funcionam em um sistema circular mediado por um terceiro ponteiro, que transmite o movimento das horas. O ponteiro das horas está sempre a noventa graus, sempre reto, e as horas estão inscritas em um círculo menor, no interior do relógio e deslocado para baixo. O círculo das horas é dividido em doze partes, e a posição da hora “12” está no centro do círculo dos minutos. Uma



brincadeira gráfica lança o numeral “12” verticalmente para cima dos ponteiros e do transmissor, de forma que, quando o relógio marca doze horas, o ponteiro indica em sua parte superior e inferior.

O Relógio Lúdico é um relógio divertido, incomum e bem elaborado, que brinca com suas funções. Ele desperta uma complexidade no raciocínio da transmissão central dos minutos, que é convertida pela transmissão para virar as horas no círculo menor. É um trabalho que, por si só, tem uma conotação de obra de design, mas também de obra de arte. Lembrando que nosso trabalho não visa criar definições sobre o que é arte e o que é design. Para nós, o Relógio Lúdico questiona a estética do objeto como um relógio comum, fazendo isso pela ambiguidade de uma brincadeira. Esse Relógio de Artista apresenta um nível de questionamento da percepção do tempo mais suave que o Relógio para Perder a Hora.

Uma vez que o nosso conceito pode não recair sobre objetos que efetivamente marcam e mantêm a contagem habitual de tempo cronológico, o que temos aqui é um problema plástico, que gera definição e indefinição. Ao analisar um tipo de obra, chegamos a um grande problema se quisermos adotar o conceito de Relógio de Artista: todo relógio feito por artistas, artesãos, designers, enfim, pessoas que rotulam seus trabalhos como arte, é um relógio de artista?

Todo relógio feito por artistas é um relógio de artista?

Antes de avançarmos nessa abordagem, vamos complicar um pouco mais, trazendo as obras de Lygia Clark (1920-1988) e suas relações, que buscam uma não representação e uma superação dos suportes presentes na temporalidade entre público e obra — uma fronteira formal para o que poderia ser o conceito de Relógio de Artista.

Tomando como critério a palavra “relógio”, apresentamos o trabalho *Bicho Relógio de Sol*, de 1960, possivelmente o início da série dos *Bichos*. Essa série é talvez a mais célebre da artista, com repercussão mundial, e se enquadra como escultura, mas vai além: são trabalhos pensados para serem manipulados, movendo-



se e modificando-se. Desenvolvida no contexto do movimento neoconcreto, as pesquisas que levaram à criação dessa série são enraizadas na geometria.

Em função do gesto do observador, as formações plásticas e escultóricas as mais variáveis e surpreendentes aparecem, e acabam exaurindo a curiosidade do espectador antes mesmo de se esgotarem as virtualidades das estruturas básicas, fundadas, todas elas, sobre o princípio da simetria. Essas estruturas são como uma árvore mágica, que dá esculturas como um pé de jaqueira, dá jacas, um cajueiro, caju (Pedrosa, 1963, p. 121).

Os *Bichos* são esculturas estruturadas com formas geométricas, cujos planos estão ligados por dobradiças, trazendo um caráter orgânico à geometria modulada. As peças são abertas à interação de quem deseja explorar seus eixos, formatos e ocupação do espaço. Elas representam um avanço das formas pictóricas exploradas pela artista em trabalhos anteriores, expandindo-se para o espaço e convidando o público à interação. A série é composta por peças que são organismos, verdadeiros *bichos* que invadem nosso habitat. Inspiram-se em seres já existentes, orgânicos ou não, além de diversos objetos do mundo. É interessante para nós que, entre as peças fundantes de Clark, esteja a imagem de um relógio.

Não apenas a imagem, mas a forma de um relógio de sol: “um eixo central, e um plano circular, que gira em torno do eixo vertical. Essa obra tem a dignidade mística de um relógio de sol, marcador do tempo” (Pedrosa, 1963, p. 120). *Bicho Relógio de Sol* apresenta pelo menos três versões, todas realizadas em chapas de metal, ora prateadas, ora douradas, dependendo da versão. Seria então esse trabalho uma espécie de Relógio de Artista?

Se considerarmos que o tipo, a família do *Bicho*, está dentro dos relógios de sol, a resposta seria positiva. A inspiração formal na constituição do objeto, com o plano circular e o eixo central descritos por Mário Pedrosa, que remetem ao gnômon, são elementos esperados em um relógio. Entretanto, o mecanismo desse trabalho não está na marcação de um tempo cronológico, e por conta disso não poderíamos tomá-lo como relógio, apenas como um dos bichos da artista. Sem dúvida, este é, assim como os demais da série, um *bicho* de Lygia Clark.

No caso da série dos Bichos, vale lembrar que tais obras foram originalmente pensadas para serem manipuladas: o objeto artístico não tinha uma forma final pré-estabelecida, mas o público seria



convidado a interagir com peças articuláveis e elaborar a forma que desejasse (Barbosa, 2022, p. 25).

O tempo de *Bicho Relógio de Sol* é o tempo de todos os outros bichos da artista, um tempo subjetivo da experiência de cada participante, concebido pela artista. Lygia Clark é uma artista que se debruça sobre os tipos de materiais e suas qualidades, focando na manipulação³. É crucial percebermos que esse objeto, que possui características de um relógio e traz em seu nome a palavra “relógio”, foi concebido para ser manipulado e não para contar um tempo. Os *Bichos* são experiências e são feitos para se perder no tempo, assim como o relógio de Lacaz.

Dentro do corpo de obras de Lygia, observamos muitas formas de lidar com o tempo, seja para documentá-lo ou para criar disparadores de percepção, como na relação formal da fita de Möbius de papel, do movimento do corte e do olhar em *Caminhando*, de 1963. Em *Bicho Relógio de Sol*, a artista faz uma metáfora com um tipo de relógio e de animal. Assim, utiliza o repertório de quem observa essa relação. Todavia, ela usa essa estrutura para explorar o tempo da manipulação. Então, sim, essa obra é um Relógio de Artista, embora os demais *bichos* não o sejam, mesmo que abordem o mesmo sistema de funcionamento poético e temporal.

Voltando à questão que levantamos: todo relógio feito por artistas, artesãos, designers e pessoas que rotulam seus trabalhos como arte é um Relógio de Artista? Em certa medida, sim. Entretanto, no caso dos relógios, especialmente dentro dos parâmetros de validação dos meios artísticos, nem todo relógio feito por artistas deve ser interpretado com o mesmo nível de Relógio de Artista.

Embora todas as obras que formalmente trazem essa estrutura possam ser classificadas dessa forma, há diferentes níveis para essa discussão. Mesmo que sua relação seja estritamente formal, como no caso do *Bicho Relógio de Sol*, que é mais uma escultura do que um mecanismo de relógio, observamos um nível mais superficial de Relógio de Artista no trabalho de Lygia Clark em comparação com os trabalhos de Guto Lacaz.



Considerações finais

As relações de metalinguagem sobre as características do tempo objetivo e cronológico, associadas à imagem do tempo no relógio, vão além da forma e da imagem de um relógio. Caso contrário, seria mais simples e fácil começar com *A Persistência da Memória*, de 1931, de Dalí. Ou seja, está claro que o Relógio de Artista não é representado como uma imagem fixa; os tempos desses dispositivos estão embutidos, apresentados, e não apenas representados. Mesmo flertando muitas vezes com elementos gráficos e pictóricos, que formam concepções de tempo relacionadas com certo grau de integração ao cotidiano das pessoas, os mecanismos cinéticos e as representações de movimento se estruturam no ambiente expositivo com um diferencial, que são características de interatividade e participação.

De forma geral, nosso foco está nos Relógios de Artista que exploram profundamente outros níveis em tipos e narrativas de tempos; por isso, tentamos demonstrar em nossos trabalhos como buscar outros tempos com diferentes relógios. A cada momento observamos diferentes produções artísticas que lidam com outras formas de tempo e isso nos permite desenvolver esse conceito como uma prática importante nas relações entre objetos e conhecimentos.

Referências

- Alonso, M. (2025). Relógio de artista: Dinâmicas em um inventário de oscilações temporais (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- Birth, K. (2012). *Objects of time: How things shape temporality (Culture, Mind and Society)*. London: Palgrave Macmillan.
- Birth, K. (2016). *Time blind: Problems in perceiving other temporalities*. London: Palgrave Macmillan.
- LAURENTIZ, Paulo. *A holarquia do pensamento artístico*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1991
- PIMENTA, João Paulo. *O Livro do Tempo*. São Paulo: Almedina Brasil, 2021.
- PSCHETZ, Larissa; BASTIAN, Michelle. Temporal Design: Rethinking time in design. *Design Studies* [s. l.], v. 56, p. 169-184. 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0142694X17300765>. Acesso em: 15 nov. 2024.

¹ Miguel Alonso é artista visual e professor, doutor em Artes Visuais pelo PPGAV - ECA/USP/SP. Mestre pelo PPG em Artes do Instituto de Artes da UNESP/SP. Educador de Tecnologias e Artes no SESC - São Paulo (Unidade de Pinheiros). Formado em bacharelado e em licenciatura em Artes Visuais na UNESP. Membro dos



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

grupos de pesquisa Realidades (ECA/USP) e GIIP (IA/UNESP). Trabalha nas áreas de Multimídia, Gravura e Tridimensional. <https://miguelalonso.art/>. <http://lattes.cnpq.br/9160286843383300>